

Mal-estar na contemporaneidade, subjetividades em colapso e a ascensão pública da Comunicação Não-Violenta¹

Marcio Tavares D'Amaral²

Luiza Machado Toschi³

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

RESUMO

Este trabalho apresenta um trecho de uma pesquisa empírica e teórica de mestrado que se interessa pela relação entre a Comunicação Não-Violenta e a Comunicação Social – seja na mídia ou na área disciplinar acadêmica. No recorte, apresentamos elementos apreendidos a partir de discursos midiáticos decorrentes da emergência pública de um interesse no tema para compreender elementos que afastam sua abordagem de trabalhos acadêmicos no campo científico da Comunicação, ainda que interesse a outras áreas. Por fim, compartilhamos os possíveis caminhos da pesquisa por vir.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação não-violenta; comunicação social; discurso de mídia; metapesquisa em comunicação, mal-estar contemporâneo.

CORPO DO TEXTO

Este trabalho compõe uma pesquisa mais ampla que se interessa pela relação entre a Comunicação Não-Violenta e a Comunicação Social. Observando a demanda contemporânea por “técnicas de comunicação” para apaziguamento de conflitos e polarizações – que promovem uma emergência pública do assunto “comunicação não-violenta” – e a produção/difusão de teorias da comunicação na área disciplinar da Comunicação Social, investigamos possíveis pontes entre o campo científico e a pouco estudada filosofia-prática da Comunicação Não-Violenta (CNV).

No livro sobre a prática, *Comunicação Não-Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*, Marshall Rosenberg (2006), a define como uma abordagem do processo de comunicação que facilita uma ligação consigo e com as outras pessoas – a partir da qual se expressa um atributo “natural”: a compaixão. Ao nomear essa abordagem, Rosenberg faz alusão ao entendimento de Mahatma Gandhi sobre Não-Violência – o resultado de um estado compassivo que mantém a violência

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos em Comunicação, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Orientador da pesquisa, Prof. Emérito do PPGCom Eco/Ufrj.

³ Mestranda em Comunicação e Cultura, Mídias e Mediações Culturais do PPGCom Eco/Ufrj, email: ltoschi@ufrj.br

“afastada do coração”. Desta maneira, expressões buscariam sempre a conciliação e integração, evitando a reprodução de opressão para si e para outras pessoas.

Segundo o *Center for Nonviolent Communication* (2020), a pesquisa de Rosenberg se desenvolveu no contexto da difusão de habilidades dialógicas em espaços educacionais que abandonavam a segregação racial nos anos 60 nos EUA. A CNV teria sido sistematizada a partir da investigação sobre as causas da violência e o que poderia ser feito para reduzi-la. Discípulo de Carl Rogers, o também psicólogo estadunidense observou que, a depender da qualidade da linguagem e da manutenção da conexão com uma “natureza compassiva” (Rosenberg, 2006), as possibilidades de cooperação entre as pessoas e grupos envolvidos variavam. Foi então que aprofundou sua pesquisa sobre como a linguagem poderia dar forma para uma transformação nas relações consigo, com o outro e com os sistemas. Hoje, a prática é aplicada na mediação de conflitos em mais de 60 países, com centros de pesquisa e formação.

Com o objetivo de entender se e como a CNV tem sido abordada na esfera pública (Habermas, 1997) a partir de discursos comunicacionais de relevância (como matérias jornalísticas, cursos de órgãos públicos, palestras, entre outros) e nos espaços acadêmicos de credibilidade para difusão de conhecimento de Comunicação Social (publicações em revistas acadêmicas e eventos), fazemos uma pesquisa dentro e fora da academia.

Para esta apresentação específica, investigamos as práticas discursivas na mídia a respeito do tema como uma forma de entender sua validade neste contexto. Para tal, são consideradas matérias jornalísticas como sinais de interesse público no assunto, a divulgação de cursos oferecidos por órgãos de governo e palestras. Neste contexto, nos perguntamos, como os discursos públicos enunciam a Comunicação Não-Violenta?

Discursos de mídia sobre Comunicação Não-Violenta

As redes sociais aproximam as pessoas, mas também afastam. Lá é espaço para a troca de ideias e de farpas. Um espaço onde cada um defende a sua opinião, muitas vezes apenas para ter a palavra final, sem ouvir o outro. Será possível discordar sem brigar? Como podemos buscar uma comunicação não violenta? (JC Debate, 2017)

O lide da âncora do programa jornalístico de entrevistas da TV Cultura sobre Comunicação Não-Violenta parece resumir o mote não apenas de seu programa, mas da abordagem corrente do assunto.

É possível encontrar diversas inserções na TV Globo⁴; um episódio inteiro do CNN Night sobre diálogo na CNN; um episódio sobre CNV no programa *Espelho*, de Lázaro Ramos, no Canal Brasil; todo o programa jornalístico de entrevistas, Jornal da Cultura, citado acima, no Canal Futura – além de matéria sobre o futuro do trabalho em podcast do canal; chamada em parceria com a Casa do Saber no Canal Curta; comentários de Larissa Luz no Programa Saia Justa do GNT; entre muitos outros.

Sites de notícias, jornais e podcasts informativos também já abordaram o assunto em matérias com recortes variados. A BBC Brasil, por exemplo, noticiou em 18 de maio de 2023 o lançamento de um episódio de seu podcast *Brasil Partido* com uma matéria intitulada “Dicas de negociadores de paz para reconciliar Brasil polarizado” – mais da metade do texto é dedicada a explicar uma perspectiva do que é a Comunicação Não-Violenta e sua contribuição para a construção de Círculos de Paz, que são espaços de diálogos improváveis entre pessoas com visões de mundo, a princípio, polarizadas. Já o Jornal O Globo, em sua editoria *Saber Viver*, traz dicas de uma *coach* de Harvard para publicar a matéria “Comunicação não-violenta: uma ferramenta para evitar danos aos relacionamentos causados pelas discussões sobre política”. A CBN também abriu espaço na coluna *Comunicação e Liderança*. O título “Como alcançar e praticar a comunicação não-violenta” deixa bem evidente a ideia de que é preciso esforço para acessar algo que se deseja, mas que soa inatingível.

Outra forma de observar o interesse público está em atestar que a gestão pública em diversos estados e no âmbito federal já abordaram o assunto em cursos oficiais, vídeos explicativos, episódios de programa em TVs oficiais, painéis de discussão, lives e entrevistas nos seus canais oficiais. O curso ministrado ao vivo por uma fonoaudióloga para policiais militares das Unidades de Polícia Pacificadora do Rio de Janeiro, por exemplo, foi destaque em vários veículos. Já nos órgãos ligados aos profissionais de comunicação, a Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje), por exemplo, oferece uma disciplina de Comunicação Não-Violenta na Escola Aberje, que é uma espécie de espaço de reciclagem e formações adicionais para profissionais da

⁴ Episódio do *Globo Repórter* sobre Gentileza; episódio do programa *Como Será* sobre Comunicação Não-Violenta (que fala de um curso oferecido na Polícia Militar, desenvolvimento organizacional do Museu do Amanhã, entre outros); entrevista no programa de jornalismo local da Globo Nordeste em Pernambuco; entrevista no programa de jornalismo local da Globo Minas; entre outros.

comunicação. É possível também encontrar pelo menos três apresentações de TED X Talks em português que abordam o tema de forma explícita no título ou resumo da fala.

Além disso, há centenas de produtores de conteúdo das mais diversas características – profissionais do Direito e da Justiça Restaurativa, psicólogos, comunicadores, educadores parentais, facilitadores, entre outros – postando vídeos com milhares de visualizações disponíveis nas redes sociais como YouTube, Instagram, Facebook e Tik Tok. Infelizmente as pesquisas nesses portais não oferecem o número de resultados das recorrências, mas o *scroll down* é sem fim. São milhares de pessoas interessadas no assunto abordando-o a partir de suas perspectivas, buscando ensinar o que entenderam e surfando uma onda de interesse crescente no tema.

Todos os materiais analisados esquematizam uma série de dicas que facilitam o “uso” da CNV nas relações cotidianas para atravessar os conflitos. Poucos buscarão identificar o contexto desses conflitos e o papel histórico do diálogo na responsabilização por transformações para além da esfera interpessoal. Uma análise discursiva detalhada mostra o reforço da instrumentalização das conversas e o resumo da capacidade dialógica ao apaziguamento e à fuga imaginativa do “vai ficar tudo bem”. E é exatamente essa visão instrumental corrente sobre a Comunicação Não-Violenta que parece o principal motivo pelo qual ela é um tema de interesse reconhecido da Comunicação.

Impacto nas produções acadêmicas

Sobre o aumento do interesse público e o impacto nas produções acadêmicas, uma pesquisa do termo “comunicação não violenta”, assim, entre aspas, no Google Acadêmico, encontra 4.780 resultados. A curva ascendente de atenção ao assunto fica evidente quando se decupa o resultado por datas. 1997 é o primeiro ano em que aparece algum resultado no portal de pesquisa. Até 1999, havia apenas 6 publicações que citavam o termo; entre 2000 e 2009, foram 141 resultados; entre 2010 e 2019, 1.370 publicações; entre 2020 e 2025, atingimos 3.110 resultados, sendo 72 só dos primeiros meses do ano vigente. À primeira vista, a maior parte dos resultados encontrados concentram publicações em áreas como Direito, Pedagogia, Psicologia e Saúde.

No Portal de Periódicos da Capes, o interesse pelo assunto é mais comedido. A busca pelo termo encontrou 92 resultados entre todas as revistas. A maioria dos trabalhos são, nesta ordem, das áreas do Direito, Educação, Saúde e Psicologia e Administração e Gestão. Publicações ligadas a revistas de Comunicação são apenas seis.

Tal abrangência denota a característica multidisciplinar potencial do tema, ao tratar de forma ampla as relações e interações humanas, sociais, políticas e subjetivas. Programas de TV, redações jornalísticas, polos de pensamento, órgãos de gestão pública e produtores de conteúdo inserem o assunto em suas produções de forma recorrente. Ao mesmo tempo, é possível nomear, apenas por esses dados, um desinteresse da área disciplinar da Comunicação em refletir a Comunicação Não-Violenta. Por quê?

A pesquisadora da comunicação Ellen Gorsevski, em *Peaceful Persuasion* (2004), faz uma revisão bibliográfica de autores que escreveram e pensaram sobre a “retórica da não violência”. O estudo aponta o trabalho de Rosenberg como uma autoajuda *pop* e faz críticas a exemplos expostos no livro publicado em 1999, antes da versão mais popular da abordagem da CNV – da qual vai derivar a publicação brasileira. Para Gorsevski, é importante desmitificar a não violência e sua retórica, compreendendo que o tempo de transformação cultural, social e política necessários para que se tenha o objetivo da prática: a justiça.

Em artigo publicado dez anos depois, a autora faz um sobrevoo conceitual sobre comunicação não-violenta e sobre a área disciplinar da comunicação – a partir de sua perspectiva estadunidense. No documento, Gorsevski defende a relevância do tema do campo científico da comunicação nos EUA sem citar qualquer referência à abordagem de Rosenberg. Aparentemente, as características de *self help* do mais famoso livro sobre o tema o afastam deste agenciamento acadêmico.

Como chegamos aqui?

O orientador deste artigo, D’Amaral, publicou cinco dos nove volumes já escritos sobre uma História dos paradigmas filosóficos, que o autor compreende como uma História da Verdade segundo as diversas épocas em que ela se desdobrou. Durante as pesquisas e escrita dos livros, ministrou aulas online pela UFRJ que estão disponíveis em seu canal de YouTube.

No curso oferecido no primeiro semestre de 2020, o professor reflete sobre a Genealogia do Desamparo a partir do estabelecimento da pandemia (D’Amaral, 2020). Em sua quinta aula, reflete sobre como os pós-modernos, acompanhando um processo de transformação paradigmática, propuseram as destruições do Real – aquele que até ali possuía em si sua Verdade, ainda que agonizante.

Na década de 1940, quando a eficácia predomina sobre a Verdade, as pesquisas científicas passaram a atuar por uma produção de resultados úteis sob demanda para um determinado fim que está fora – determinando consequências alheias à Ciência. D’Amaral cita os exemplos das pesquisas científicas que acabaram resultando na produção sob demanda das câmaras de gás ou das bombas atômicas – para eliminar inimigos de guerra e para acabar com a segunda grande guerra –, como sinais de uma fissura em nome da eficácia como um paradigma ascendente. Tal condição vai se expressar de forma contundente no recorte temporal, mas também cultural e social chamado pós-modernidade: quando, onde e porque “tecnologias e suas eficácias vão tomando o lugar da Verdade e seu rigor/ permanência” (D’Amaral, 2020, 17min50seg).

No mundo que decorre da desconstrução de uma realidade essencializada, substancializada, com seu fundamento absoluto, sua Verdade absoluta; e da nossa capacidade humana de metodologicamente e metodicamente atuar sobre esse Real e tê-lo para nós verdadeiramente; quando isso vai se apagando, a ponto de ter sido negado pelos pós-modernos, a Verdade agoniza. Ao dizer que as narrativas de legitimação do Real produzidas pelo século XIX perderam credibilidade, para D’Amaral, Lyotard disse que o Real “não se garante em si mesmo” (D’Amaral, 2020) e que, portanto, a realidade não está dada na própria realidade, mas por narrativas de determinados tempos. Para o pós-moderno, não há a realidade, mas apenas uma disputa de narrativas do que é o real. Essa perspectiva relativista abre caminho para a quebra da confiança nas instituições e o sepultamento em vida da Verdade.

Em resumo, a Verdade está para o Real e os Fundamentos, assim como os Simulacros estão para o Virtual e a Eficácia Tecnológica – tudo assim, em maiúsculas por serem conceitos fundantes da perspectiva de D’Amaral. Essa cultura das virtualidades é uma substituição das narrativas do Real pela crença na eficácia, naquilo que efetivamente produz resultado em forma de simulacro. O que quer dizer: em vez de um nexos causal do presente com o passado, um presente determinado pela antecipação de um futuro ansioso. Assim se explica o termo “pós-moderno”, cunhado por Lyotard, que indica sociedades individualistas e hedonistas dirigidas para o consumo, onde a tecnologia globaliza e busca formas de dominar os afetos.

Neste contexto, a crise de representação da modernidade definida por Foucault vem do reconhecimento de que a consciência é contingencial e limitadora (Vaz e

Sanchonete, 2023). Desta forma, institui-se como consequência um desejo de aprofundamento da consciência de si – delegado à pós-modernidade. Se fora tudo está por ruir, cabe ao indivíduo uma sustentação a partir de suas próprias capacidades.

A partir do conceito de capital em Bourdieu, buscando uma sociologia da cultura e das emoções sem necessariamente dar sequência aos estudos culturais e suas críticas à complexidade social, Eva Illouz analisa as consequências do capitalismo nas relações humanas no mundo pós-industrial. A autora vai analisar o *ethos* terapêutico tanto a partir da perspectiva da inserção social de seu discurso nos mais diversos níveis e estruturas sociais (organizações, famílias e produtos culturais), quanto sua influência nos modelos de individualidade.

Para Illouz (2008), a capacidade de infiltração do *ethos* terapêutico foi o que não apenas o manteve vivo por décadas, mas o alçou a um dos centros do capitalismo que ela chamará de emocional. A autora compreende que as emoções ganharam força de “capital” capaz de não apenas mobilizar a compra de bens e serviços, mas de mover as relações nos espaços da vida cotidiana. Para ela, “*emotions are deeply internalized and unreflexive aspects of action, not because they do not contain sufficient culture and society, but because they contain too much of them*” (Illouz, 2008, pg.11).

Neste sentido, o autoempreendimento de comunicação é uma forma de gerenciar suas emoções com a intenção instrumental de capitalizar socialmente. Quanto mais cordial, amigável, assertivo e compreensivo um gestor, mais ele tende a ascender de carreira, ter sucesso e influenciar pessoas na direção da cooperação com o status quo. Apenas na perspectiva das organizações já é possível ver que a comunicação linguística e emocional adequada são a chave para alcançar relacionamentos e status sociais desejáveis (Illouz, 2008, pg. 88).

The different theories that were elaborated by popular psychologists writing guidebooks on management converged around the 1970s in one cultural model that has become widely pervasive and authoritative, namely the model of “communication.” Psychologists increasingly refined the rules of emotional conduct by principally reformulating the cognitive and linguistic rules of interaction and by offering a model of sociability based on “communication.” This model explains conflict and problems as the result of imperfect emotional and linguistic communication (Illouz, 2008, pg. 88)

Neste sentido, os livros de autoajuda se tornam uma tecnologia social de suporte individual e determinação cultural para a relação com a comunicação interpessoal. É nessa mesma linha que Vaz, Sanchonete e Santos (2000) vão nos lembrar de *The Power*

of *Positive Thinking* (1952) de Norman Vincent Peale, que alçou a fé religiosa ao instrumento de sucesso e prosperidade simbólica. O pensamento positivo e o esforço útil ligados a um “*ethos* da autoajuda” (Vaz, Sanchonete e Santos, 2000, p.15) passam a ter implicações diretas no ato comunicacional. *Self* liberto, o eu toma tudo.

As narrativas de autenticidade e liberação dos preconceitos da sociedade centralizam a autobiografia e o que Vaz, Sanchonete e Santos chamarão de testemunhos de vítimas, fomentando uma retórica terapêutica que explode nos Estados Unidos. 60 anos depois dos movimentos libertários dos anos 1960, as redes sociais ficam repletas dos filhotes desses discursos. Centrados nas experiências individuais e sem ligação direta com os fatos, tais narrativas dominam a arena discursiva social em busca de *likes* – uma forma de capitalização emocional. Do sofrimento, um capital.

Em 2016, o dicionário online de Oxford define o termo pós-verdade, “*post-truth*”, como “*relating to circumstances in which people respond more to feelings and beliefs than to facts*”, ao que D’Amaral vai interpretar como: “no conjunto das opiniões, não é mais possível determinar a Verdade” (D’Amaral, 2020). Esse domínio das narrativas individuais calcadas no *ethos* terapêutico e seus desdobramentos sociais recolonizam as relações e relegam ao campo das utopias, ou das violências, a maior parte das experiências de construção do comum. A cooptação da ideia de cooperação para o status organizacional (Illouz, 2008) tem suas consequências.

Desta forma, é possível começar a compreender como a historicidade da construção subjetiva atual dá condições para o *boom* de interesse na instrumentalização da comunicação, determina condições ideais para o diálogo e cria a normatividade relacional que confunde abordagens sobre não-violência. Neste sentido, a construção da comunicação não-violenta como prática psicologizante, terapêutica, apaziguadora de conflitos, “coisa de coach”, treinamento para ser fofinho, associada ao mundo do trabalho se sobressaem à sua origem disruptiva e transformativa de base comunitária. Sobre isso, falaremos em trabalhos seguintes.

REFERÊNCIAS

The Center for Nonviolent Communication. ABOUT Marshall Rosenberg, Ph.D. (1934-2015), Our Founder. 2020. Disponível em: www.cnvc.org/about/marshall. Acesso em: 14 jul. 2023.

D’AMARAL, M. T. O que Aristóteles tem a ensinar, aula 1. In: D’AMARAL, M.T. **Do Real e da Verdade no contexto da pós-verdade**: Curso de Comunicação e História do Pensamento do

PPGCom/UFRJ. YouTube, 14 set. 2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=UTPZa9OgmZo>. Acesso em: 03 out. 2022.

_____. Este não é só um livro novo e algumas palavras, talvez esperançosas, como se fosse uma conclusão. In: D'AMARAL, M. T. **Seis ensaios da quarentena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2021.

_____. A destruição pós-moderna e o nosso desamparo, aula 6. In: D'AMARAL, M. T. **Religar o pensamento à vida**. YouTube, 16 set. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=csCVAbaaUPw&list=PLTCMaf6vWiB9bnPLcRg0aM6Ms_QaJ2F9u&index=7. Acesso em: 09 ago. 2024.

_____. Apresentação do Curso e a questão da pandemia, aula 1. In: D'AMARAL, M. T. **Religar o pensamento à vida: Curso de Comunicação e História do Pensamento do PPGCom/ UFRJ**. YouTube, 12 ago. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FxHi-SzYVME>. Acesso em: 03 out. 2022.

_____. **Os assassinos do sol: uma história dos paradigmas filosóficos - Os modernos (séculos XIV a XVIII)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2019.

GORSEVSKI, E. *Nonviolence as a Communication Strategy: An introduction to the rhetoric of peacebuilding*. In: FORTNER, R. S.; FACKLER, P. M. **The Handbook of Media and Mass Communication Theory**. [S.I.]: John Wiley & Sons, 2014.

_____. **Peaceful Persuasion: the geopolitics of nonviolent rhetoric**. Albany: State University of New York Press, 2004.

HABERMAS, J. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

ILLOUZ, E. **Saving the Modern Soul: Therapy, Emotions, and the Culture of Self-Help**. Berkeley: University of California Press, 2008.

POST-TRUTH. In: **Oxford Advanced Learner's Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 2016. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/post-truth>. Acesso em: 09 ago. 2024.

ROSENBERG, M. **Comunicação Não Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ágora, 2006.

van Zoonen, L. *I-Pistemology: Changing truth claims in popular and political culture*. **European Journal of Communication**, v. 27(1), p. 56-67, 2012.

VAZ, P.; SANCHOTENE, N. Mídia e Disputas Epistêmicas Contemporâneas: a segunda crise da representação. In: 32º Encontro Anual da COMPÓS, 2023, São Paulo, USP. **Anais**. [...], São Paulo: USP, 2023.

VAZ, P.; SANCHOTENE, N.; SANTOS, A. Da salvação pela fé à cura pela autoestima: as origens religiosas do testemunho de vítima. **Galáxia**, São Paulo, v. 46, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-2553202153254>. Acesso em: 09 ago. 2024.